



CECILIA COSTA

**“As mulheres estão escrevendo e muito, no Brasil.  
Atualmente somos livres, totalmente livres para escrever.  
E não custa nada. Custa disciplina. Autoestima.  
Cara e coragem. Pôr a mão na massa”**

Cecilia Costa tem uma trajetória marcada pela intensa produção textual. Graduada em Letras, logo cedo começou a atuar como jornalista, tendo dedicado vários anos à edição do suplemento “Prosa & Verso”, do *Globo*. Em determinado momento resolveu privilegiar os escritos para publicação em livro e, em poucos anos, publicou dois alentados romances.

Esse movimento de crescente concentração no campo das letras se deixa perceber igualmente em seu trabalho, em companhia de Benício Medeiros, na *Revista do Livro*, da Biblioteca Nacional. Sem falar que, depois de décadas longe da universidade, Cecilia ingressou no mestrado em Literatura Brasileira da UFRJ.

No Fundão, costuma ressaltar a importância de haver encontrado interlocutores igualmente apaixonados pela ficção e a poesia, a exemplo da mestranda **Flavia Andrade** e dos doutorandos **Ana Lea Plaza** e **Marcos Pasche**, de quem recebeu treze perguntas relativas a diferentes aspectos de sua múltipla atuação.

Ao elaborar as respostas de uma só vez, durante algumas horas de uma madrugada insone, a entrevistada comprovou mais uma vez sua capacidade de harmonizar, com uma rapidez rara, uma reflexão norteada pela liberdade e uma expressão cheia de vida.

*Julia e o mago é um livro que transita entre o real e o ficcional. Isso se dá por você reunir em si própria a jornalista e a ficcionista ou por uma necessidade da autora de se afinar com uma das linhas mais sólidas da prosa literária contemporânea, que é justamente o apagamento das fronteiras entre o acontecido e o inventado?*

Muitas mulheres têm escrito, no Brasil e mundo afora, livros de fundo autobiográfico. As mulheres retêm a memória do que se passa no interior das casas, na intimidade dos espaços fechados, entre os membros de suas famílias. São caixinhas de recordações, sentimentos, vivências. Acho natural que, ao começarem a escrever mais amiúde, narrem fatos acontecidos com elas mesmas, ou com seus pais, avós, tios, entes queridos. Não saberíamos nada do tormento e sofrimento de mulheres chinesas, por exemplo, se não fossem as escritoras que saíram de seus cantões ou cidades e escreveram seus relatos nos EUA ou Inglaterra. Também o mundo árabe tem ótimas escritoras, que falam sobre harém, casamentos arranjados, prisões de mulheres rebeldes, leituras de Corão e Nabokov. E recentemente li também um ótimo livro narrado por uma escritora de origem judaica, *Pomar de família*, com histórias de nos fazer rolar de rir. Ou chorar.

Inevitavelmente, devo fazer parte desta corrente feminina, por pertencer ao meu tempo. É claro que meu lado de jornalista me prende à realidade. Mas, no caso de *Julia e o mago*, tive um modelo específico, que foi Thomas Mann e seu maravilhoso *Os Buddenbrooks*. O livro sobre a família de seu pai, senador em Lübeck, ou seja, o primeiro romance do homem que era chamado por seus filhos de *Der Zauberer* e que escreveria posteriormente *A montanha mágica* [*Der Zauberberg*]. Mann não sentia constrangimento algum ao unir ficção e realidade. Escreveu também um romance sobre o noivado com Kátia Pringsheim e

vários contos e novelas autobiográficos. Em *Doktor Faustus*, seu grande romance da maturidade, há personagens inspirados diretamente em sua mãe, a brasileira Julia, e em suas irmãs suicidas. Para Thomas Mann não havia separação nítida entre *Dichtung und Wirklichkeit* (poesia e realidade). Quis trabalhar com Mann e meu pai, por outro lado, porque meu pai era tuberculoso, amoral, incestuoso e amava a *Montanha*. Fez uma operação, quando jovem, na qual lhe tiraram duas costelas. O mesmo aconteceu, por coincidência, com Thomas Mann aos setenta anos.

*Seus romances são autobiográficos: no primeiro, você conta a história da “casa das mulheres” onde morou, em Ipanema, na década de oitenta; no segundo, a história de sua família. Qual é a importância da autobiografia para a autora e também para a leitora Cecilia? Que autobiografias mais lhe marcaram? Você escreveria um romance puramente ficcional, sem qualquer pitada autobiográfica?*

Meus romances são autobiográficos e se eu escrever outro – tenho uma história que anda a me coçar os dedos, e na qual ainda não mergulhei por causa da faculdade – creio que também o será. Tenho ainda muita coisa para contar. Vivi muito intensamente, muito apaixonadamente. Fui uma mulher de paixões avassaladoras, abissais. E as experiências fortes são para serem narradas. O difícil é achar o tom certo. O estilo, a voz. Fazer uma obra que tenha valor literário com reminiscências, memória. Proust o conseguiu. Mann também. Por que não podemos tentar? Tudo o que escrevemos vira literatura na medida em que é narrado literariamente. Se um dia eu esgotar meu arsenal de histórias pessoais, talvez tente escrever algo que seja considerado “puramente literário”, caso ainda venha a ter tempo para isso. Mas será que existe ficção pura?

*Sua ligação com Balzac é muito forte. Você estaria tentando fazer, ao escrever autobiograficamente, uma Comédia humana de sua vida?*

Deus, quem sou eu para tentar fazer uma *Comédia humana*!!!... É um objetivo meio antigo, não? Dissecar uma sociedade como Darwin dissecava suas cracas... Balzac foi modelo para José de Alencar. Pertence ao século XIX, o da criação do romance moderno. Está para o romance como Baudelaire para a poesia. Por enquanto, estou no mundo das pequenas e tristes comédias familiares... Não tenho fôlego para tamanho salto, tentar retratar nosso complexo país, nossa espúria trama social... Mas realmente amo Balzac, já que ele saiu do romance histórico e retratou a Paris de seu tempo, homens de carne e osso, frágeis, ambiciosos, perversos, passionais. Mulheres adúlteras, prostitutas, amantes, mulheres escritoras, emancipadas, ou burguesas casadas ou casadoiras. Eu o respeito muito também por ter dado a vida pela literatura. Ter feito com a palavra o que Napoleão, seu ídolo, fez com a espada: uma revolução no romance (ele não foi entendido na época, a não ser por Victor Hugo e Flaubert). Aliás, fez de sua própria vida um grande romance, ao se apaixonar pela fria, calculista Eva Hanska.

*Na América Latina, a partir da publicação de A harpa e a sombra, de Alejo Carpentier, em 1979, aumentou bastante o interesse pela história, através do que Ángel Rama denominou de “novo romance histórico”. Você se declara uma pessoa marcada pelo amor ao passado. Que lugar os relatos históricos ocupam em seu processo de criação literária?*

Gostaria muito de escrever um romance histórico. Tenho inúmeras ideias a este respeito. Creio que um dia vou tentar. Se não for um

romance, será a biografia de um personagem histórico. Aliás, já tenho o personagem, falta apenas toda a pesquisa, que provavelmente terá que ser feita no Brasil e em Portugal. É o meu último projeto, este. Ou seja, acabo de concebê-lo. Mas é segredo, por enquanto. Falando em história, escrevi a história do *Diário Carioca*, o jornal que revolucionou a imprensa do Rio de Janeiro. Deve ser publicada no ano que vem. Um livro de jornalista e de amor ao jornalismo.

*Comparado a outros países latino-americanos, o Brasil apresenta um claro déficit de narradoras mulheres. Como explica tal fato? Acredita que o crescente destaque da figura feminina na esfera política pode levar a uma mudança na literatura nacional e reforçar a incorporação da perspectiva feminina na narrativa de nosso tempo?*

Acabo de editar, juntamente com o Benício Medeiros, uma *Revista do Livro* que contém um dossiê sobre mulheres escritoras, de letras ou amantes de livros. Nela, há um artigo de minha autoria, “Mulheres vão à luta”, no qual digo justamente o contrário. As mulheres estão escrevendo e muito no Brasil. Não creio neste déficit; no máximo há mais dificuldade de divulgação quando a autora é mulher e ainda não está consagrada. Existem três mil filiadas à Rebra (Rede de Escritoras Brasileiras). A Editora Mulheres vem fazendo um trabalho ímpar no Sul, resgatando escritoras do passado e publicando as novas. Não temos mais razões para deixar de escrever. Nada nos prende. E para escrever basta um computador, como no passado bastava papel e pena. Atualmente somos livres, totalmente livres para escrever. E não custa nada. Custa disciplina. Autoestima. Cara e coragem. Pôr a mão na massa.

*Como avalia a permanência dos estudos literários pautados pelo feminismo?  
Como sua obra se coloca diante dessa vertente?*

Sou feminina e sou feminista. Pouco ligo para estes enquadramentos. Sou mulher. E tenho certeza de que escrevo de forma diversa da de um homem. A não ser que este homem seja muito intuitivo e feminino, o que pode acontecer. Tenho útero, vagina. Seios, pernas grossas. Arrebentei-me com abortos. Amamenteei um filho. Sou calipígia. Velha como Diana, Atena. Vênus. Ceres, Proserpina. Pentasileia. Os grupos de trabalho feministas, criados a partir da revolução dos anos sessenta, capitaneada por Gloria Steinem, Beth Friedman e Simone de Beauvoir, foram muito importantes para divulgar e estudar, dentro das universidades, as obras literárias concebidas pela mente e imaginação femininas. Não vou me vestir de homem como George Sand nem usar nome masculino, como George Eliot. Quero falar como mulher, para um mundo de homens e mulheres. Amo a vida, amo todos os sexos. Pode ser que um dia estes GTs femininos deixem de ser necessários. Que tanto os homens como as mulheres sejam estudados nas universidades, e resenhados em jornais, sem estarem dentro de nichos sexistas. Ou étnicos, no caso dos afro-descendentes. Mas talvez ainda não seja o caso. Agora, um bom escritor é um bom escritor, não importa se usa calças ou saias. Se é homem, mulher, homossexual ou sapata. O que importa é escrever bem, cada vez melhor. Apurar o estilo. Confesso que até hoje, como tinha tanta coisa contida dentro de mim, a ponto de estourar, saí escrevendo aos borbotões. Talvez deva procurar uma concisão maior. Talvez...

*Um dos traços mais marcantes da literatura contemporânea em nosso continente é o fato de se referir insistentemente aos aspectos conflitivos da*

*sociedade contemporânea: violência, narcotráfico, vida na periferia etc. Como interpreta essa orientação de nossos escritores atuais? Poderia se falar de um desejo de compreender as manifestações locais de uma ordem global?*

Ordem global? Descreva o seu jardim, que dará mais certo. Cada um de nós tem sua lírica, sua prosa, sua visão de mundo. Ou apenas seu mundo. “Sua praia”. Podemos ser intimistas ou tentar descrever os conflitos de rua. O choque entre o morro e o asfalto. Os arrastões. Eu nunca poderia escrever como Rubem Fonseca, que foi da polícia. Também não poderia escrever livros sobre a periferia ou favela. Sou uma mulher de classe média, burguesa, com experiências e vida burguesas. Devido à minha idade, como mulher, enfrentei problemas sérios por não querer casar dentro das regras burguesas, ter uma vida sexual livre, amar quem me desse na telha. É sobre isso que posso escrever. Se vivesse na favela da Rocinha, eu descreveria a vida na favela, o mundo do tráfico. Se eu tentasse fazê-lo só porque está na moda, soaria falso. Machado de Assis foi acusado de ser um alienado, e sabemos que não o foi. Cada classe social tem seu mundo, seu drama, suas histórias, seus traumas a descrever. Existem várias formas de violência, e não apenas a violência social, gerada pela má distribuição de renda ou pela máfia internacional do tráfico e das armas. Poderíamos, no Brasil, fazer um tratado sobre tortura, demonstrar como a tortura do preso político passou para o preso comum. E atingiu o criminoso, o pequeno traficante favelado, que, por sua vez, também passou a torturar. Um livro a ser escrito, ainda. Mas eu só poderia escrevê-lo como tese ou ensaio. Não torturei nem fui torturada, sou apenas alvo da violência diária que nos circunda. E da eterna violência contra as mulheres. Ou seja, a descrição da violência não pode ser

um modelo obrigatório, seja para os escritores latino-americanos, seja para os brasileiros. Senão, todos nós só poderíamos ter como livro de cabeceira *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. Eu, pelo menos, gosto de sonhar. E deixo de bom grado esta escrita do horror para quem o vivencia diariamente, infelizmente. O político, o cotidiano, os impasses do dia a dia, as crises do capital, a mais-valia crescente, a marginalização de segmentos enormes da população mundial são apenas uma das vertentes da literatura e da arte pós-mundialização – e nem sei se a melhor vertente.

*Como foi editar o suplemento “Prosa & Verso”, do Globo?*

Foi uma experiência jornalística fascinante. De início, eu não entendia muito bem o poder que é ter em mãos um caderno literário. Fazia o caderno com paixão e com um imenso amor pela literatura, usando, nas escolhas, minha intuição de jornalista. Queria escrever sobre todos os escritores que amava. Queria dar espaço a todas as vozes contemporâneas. Queria – e acho que consegui, ao criar o concurso Contos do Rio – abrir espaço para os estreantes e seus inéditos. Até que chegou um momento em que achei que o caderno – para atingir todos estes objetivos – tinha que ser maior (e até hoje o acho, principalmente após *O Globo* ter monopolizado o jornalismo carioca). Eu queria mais páginas. Precisava de pelo menos duas páginas a mais, para melhor espelhar tudo o que recebia das editoras, do Oiapoque ao Chuí. E comecei a entrar em choque com os chefes editores, que passaram a dizer que eu era um ser literário em demasia. Talvez a consciência tardia do poder envolvido na edição de um caderno literário hegemônico tenha causado a minha “queda”. Mas não haveria outro jeito. Eu repetiria meus erros, se é que errei.

Sou sempre intuitiva, ando no escuro. Aprendi muito. E continuo a achar que o Rio de Janeiro mereceria um outro caderno literário, com muito mais espaço para resenhas, e uma direção totalmente democrática, aberta a todas as correntes.

*A literatura brasileira contemporânea se faz de um leque muito amplo de tendências, indo da repetição de fórmulas oitocentistas à incorporação consciente e sem alarde do legado vanguardista. A mesma época que tem um Tony Bellotto escrevendo romances de um músico em férias – para lembrar o que disse Manuel Bandeira a propósito da poesia do prosador Oswald de Andrade – conta com a produção de escritores como Beatriz Bracher e Rubens Figueiredo, que encaram cada livro como um experimento novo. Se abrirmos os principais suplementos literários do país, vemos que os nomes que ganham mais destaque são aqueles que importam aura de áreas mais populares, como a música e a tevê. A mídia realmente está fadada a cultivar a superficialidade e reforçar o engodo?*

Esta pergunta de certa forma é um seguimento ou derivada da anterior. Mercado é mercado. O mercado impõe. O muro de Berlim caiu, vivemos no auge do capitalismo selvagem, tecnológico, financeiro. É claro que os autores midiáticos ou os que vendem mais sempre aparecerão mais nos cadernos literários da grande imprensa. Pois a grande imprensa faz parte do mercado. E dará maior peso às grandes editoras (até porque elas pressionam para burro para que saiam matérias sobre suas edições). Uma briga que travei no “Prosa & Verso” foi quanto aos best-sellers. Diziam que eu não dava espaço para os best-sellers. Não dava e não daria. Eles não precisam de cadernos literários. O caderno literário existe para divulgar principalmente os autores que precisam de ajuda, ou seja, aqueles que necessitam de divulgação, aproximação

com o leitor. Os que escrevem bem, mas não têm como aparecer. Essa ajuda tem que ser feita através de resenhas. Conheço cadernos literários que não gostam de resenhas. Críticas ou não. Só que precisamos de resenhas críticas, uma enxurrada delas, assim como também precisamos de resenhas impressionistas. Aquelas que apenas aproximem o leitor do livro, despertem a curiosidade. Agora, no Rio, praticamente não temos nada. Ou temos o nada. Quem pode criticar Chico Buarque no Brasil? Dizer que ele escreve bem, obviamente – é culto, foi muito bem educado, sabe jogar com as palavras –, mas que não é todo esse escritor que pensam ou ele mesmo pensa? Precisamos urgentemente de um jornal literário com coragem. Vamos fazer um?

*Por mais que cânone pareça um nome muito distante do mercado e da mídia, estas duas instâncias contribuem decisivamente para defini-lo. Basta pensar que cabe às editoras decidirem o que publicar e às livrarias, os livros a irem para a vitrine. Por sua vez, os suplementos literários definem que obras receberão holofotes. Em vista do poder destas duas forças, os cursos de Letras parecem reduzidos a selecionar, entre os textos que logram alguma visibilidade, aqueles que merecem sua atenção, sobretudo por se mostrarem com potencial analítico. O que a universidade poderia fazer para participar mais ativamente deste jogo que, em última análise, resulta no estabelecimento da imagem de nossa ficção e nossa poesia dentro e fora do país?*

Os cursos de Letras não podem ser nichos ou guetos de escritas de ruptura ou de autores na moda, ou queridinhos. É preciso acabar com os ídolos mortos ou suicidas. A “lambeção” de ícones. Fabricação de mitos. Os cursos de Letras precisam se abrir para todos os autores, ou uma gama imensa de autores contemporâneos. Há escritores brasileiros que já

escreveram mais de dez livros e nunca foram estudados na universidade. Per Johns é um deles. Alberto Mussa vem fazendo uma carreira maravilhosa. E devem existir muitos outros por aí. Escritores de mão cheia que são pouco estudados. Enquanto outros são objeto de milhares de teses, ad nauseam. Faculdade não pode ser lugar de panelinha.

A escritura de ruptura é importante, mas a “tradicional” também, o velho romance com princípio, meio e fim, e uma boa história. Gosto de literatura tout court. Pode ser Paulo Leminski, Augusto e Haroldo de Campos, ou Ferreira Gullar, Alexei Bueno, Ivan Junqueira. Carlito Azevedo ou Affonso Romano de Sant’Anna. Moacyr Scliar ou Raduan Nassar. Thomas Mann ou James Joyce. Oswald e Mário, ou Orhan Pamuk. Yourcenar, Lívia Garcia-Rosa e Lya Luft. Amo as palavras. Amo o livro, e quero mais. E talvez seja isso que uma faculdade de Letras deva querer também, sempre mais. Apresentar todas as correntes, analisar todas as vertentes, e deixar o aluno escolher o que lhe cai dentro do coração. Editar manuscritos. Fazer concursos literários dentro da faculdade e editar os vencedores, nem que seja em mimeógrafo. Fazer leituras de poesia dos alunos. Apresentação de peças de teatro. Oficinas de poesia e de prosa. Chamar para palestras os escritores das tendências as mais variadas possíveis. Os que os professores gostam e também aqueles que não gostam muito, mas escrevem bem. Uma faculdade tem que ser bem viva... E... VAMOS FAZER UM JORNAL?

*Conte-nos sua participação na Revista do Livro, da Biblioteca Nacional. Por favor, aproveite para falar sobre o volume dedicado a mulheres e literatura.*

A *Revista do Livro* é antiga, foi criada em 1956, mas andou meio desaparecida do mapa. Ficou fora do ar durante a ditadura, voltou a

ser editada pela Biblioteca Nacional em 2002, depois sofreu novas paralisias ou lacunas. Fui chamada em 2008 pelo Benício Medeiros, editor da revista, para ajudá-lo – ele estava meio desanimado por ter de trabalhar sozinho, e realmente não dá para fazer aquela revista sem ajuda – e, de lá para cá, já conseguimos fazer cinco números. Fico contente com isso, cinco números com dossiês alentados (imitei um pouquinho uma paixão minha, a *Magazine Littéraire*): Cinema e Literatura, Impressão Régia, Machado de Assis, Euclides da Cunha e, por último, Mulheres na Literatura. A próxima, que estamos a organizar, trará um dossiê sobre Joaquim Nabuco. Para mim foi uma delícia, porque voltei a fazer entrevistas, a escrever e a pedir artigos. A revisão ficou com Benício Medeiros, jornalista com texto primoroso, e com a própria biblioteca, que tem uma equipe de revisores. É o calcanhar de Aquiles da revista. Ela é muito grande. Sempre sai com um errinho ou dois, fico com vontade de cortar os pulsos. Aliás, revisão é o terror de qualquer revista, jornal ou livro. Sobre a revista das mulheres, só posso dizer que foi a única vez em que tive um certo choque com o Benício, que é contra guetos literários, seja de escritores mulheres, afros ou gays. Para ele escritor é escritor, não importa a cor ou o sexo. Talvez tenha razão, mas lutei por minha homenagem às mulheres, e creio que ele acabou gostando da ideia. Estão lá: Ana Maria Machado, Rosiska Darcy de Oliveira, Cleonice Berardinelli, Edla van Steen, Astrid Cabral, Dora Ferreira da Silva, Nisia Floresta, Clarice, Lygia, Editora Mulheres, Luzilá Gonçalves, a Rebra etc... Para minha felicidade, a edição de número 500 da *Magazine* é justamente dedicada às mulheres.

*Algo muito buscado pelos escritores é o alcance de uma voz própria e, dentro desse processo, muitos sentem a “angústia da influência”, por ser comum que tendam a imitar, conscientemente ou não, os predecessores de*

*sua predileção. Como editora de cadernos literários, você teve de ler uma infinidade de livros de formas e assuntos variados. Esse tipo de contato facilitou ou dificultou seu trabalho literário? Foi necessário separar a editora da autora na hora da escrita?*

Jornalismo atrapalha quaisquer escritores. E até mesmo o jornalismo literário. Impossível escrever tendo que ler uma enxurrada de livros de outros autores. Escrevi meu primeiro livro em forma de copião, enquanto era editora-adjunta de Economia... Só o terminei ou lapidei um pouco como editora do “Prosa”. E *Julia e o mago* escrevi fora do jornal. Balzac, meu grande amor literário, odiava jornal. Em *Ilusões perdidas*, descreve bem as razões de seu ódio. Já eu amo jornal, mas sei o quanto é perigoso para quem quer escrever literatura. Exercitamos nossa pena ao fazer jornal, sendo obrigados a escrever todos os dias, rapidamente. Mas na hora de escrever um livro é melhor se distanciar de redação...

*Depois de décadas imersa na literatura – como formada em Letras, editora de suplemento, romancista, anfitriã e conviva dos imortais da ABL (de que faz parte seu marido, o poeta Ivan Junqueira) –, você decidiu retornar à universidade para fazer mestrado em Literatura Brasileira. O que a trouxe de volta ao campus e o que tem encontrado aqui?*

Antes de mais nada, quero ressaltar que tenho feito novos amigos, o que é ótimo. Se existe alguma coisa que gosto é de gente inteligente e instigante. Mas fiquei muito assustada ao voltar, não sabia se estava andando para frente ou para trás. E fiquei com medo que me vissem como um unicórnio azul. Ou uma velha senhora, ou seja, eu estava com medo de estar vivendo uma cena da *Volta* ou *Visita da velha senhora*. A ideia foi do Antonio Carlos Secchin, amigo de longa data (fomos

contemporâneos, nos anos setenta, na faculdade). Na realidade eu havia imaginado fazer uma licenciatura para dar aulas. Gosto muito de dar aulas, já que gosto de falar pelos cotovelos. E, na realidade, ainda estou assustada. Fico a me perguntar o que estou a fazer num banco de escola. Se não devia estar em casa a escrever livros. Só que não estou acostumada a ser mantida por ninguém, muito menos por marido. Ser teúda e manteúda nunca fez parte de meus sonhos. Precisava, e preciso, abrir novos caminhos profissionais para minha vida. Por outro lado, sou acostumada a um ritmo de trabalho alucinante. Não nasci para viver em casa. Fico deprimida. O que me assusta ainda, profundamente, é difícil de explicar. Gosto de urgências, trabalhos para ontem. Fico meio perdida em apostas de longo prazo. Agora, estou lendo livros que não leria por minha própria conta, o que é muito bom. E estou sendo obrigada a rachar minha cabeça ao meio, às vezes. Ser complacente, flexível, aberta. Ouvir o outro. É sempre bom chocalhar a cabeça. Quebrar cristais ou se desfazer de cristalizações. Rejuvenesce. Fui em busca também de um pouco de teoria. Um pouco só. Porque literatura para mim está muito além, muito além mesmo, da teoria. Somos escritores por instinto, paixão. Quem se encharca de teoria corre o risco de não escrever nada. Por falar nisso, não ando escrevendo... será por causa da faculdade?